Mulheres ganham espaço na carreira diplomática
Claudio Dantas Sequeira

Elas ocupam menos de 10% dos postos de chefia no exterior, mas nunca foram tão promovidas e têm condições de se tornar chanceler.

Historicamente dominada por homens, a política externa no Brasil se abre aos poucos à influência feminina. Levantamento interno do Itamaraty, obtido pelo Correio, revela que as mulheres ocupam 15 dos 166 postos de chefia no exterior, quase 10%.

É pouco no horizonte da igualdade de gênero, mas se trata de um recorde na diplomacia brasileira — o que alimenta esperanças de que uma mulher seja alçada ao gabinete central do Ministério das Relações Exteriores na próxima década. Não faltarão candidatas, se depender do chanceler Celso Amorim, que em seu primeiro mandato promoveu nove embaixadoras, o maior número em uma gestão.

Hoje, as embaixadas brasileiras em Moçambique, Coréia do Sul, Armênia, Nicarágua, Senegal, Tunísia e Vaticano são comandadas por mulheres. Da mesma forma, a missão do Brasil na Comunidade Européia e os consulados gerais de Buenos Aires, Córdoba, Los Angeles, Lagos e Porto.

Na Secretaria de Estado há mulheres dirigindo quatro grandes departamentos: Europa, Ásia e Oceania, Direitos Humanos e Organismos Internacionais. Neste último está a embaixadora Maria Luiza Ribeiro Viotti, que, em breve, se tornará a primeira mulher a chefiar a missão brasileira na ONU, substituindo Ronaldo da Motta Sardemberg.

Viotti é uma espécie de unanimidade no Itamaraty, e a aura de respeito que forjou a creditam como candidata natural a chanceler no futuro. Tudo depende, é claro, de o ministério não entrar no leilão político dos governos e manter seu perfil técnico. Ao lado de Viotti, ganham força a cônsul-geral em Buenos Aires, Maria da Graça Nunes Carrion, e a embaixadora em Paris, Vera Pedrosa. Outro nome em alta é o da ministra Maria Nazareth Azevedo, que desde maio de 2005 é chefe do gabinete de Amorim — posição que exige confiança e discrição, mas geralmente plataforma para vôos mais altos.

Basta dizer que o antecessor de Nazareth, Antonio Patriota, virou subsecretário político do ministério e, em menos de dois anos, foi catapultado a embaixador em Washington.

Segundo a assessoria de imprensa do Itamaraty, "a nomeação de diplomatas mulheres para postos importantes e sua promoção" fazem parte dos chamados "mecanismos objetivos" instituídos na gestão de Celso Amorim para valorizar a carreira. Para Viotti, a presença de um maior número de mulheres em posições de chefia no Itamaraty e em postos importantes no exterior reflete uma "evolução da situação da mulher no Brasil em diversas áreas".

Ela considera que essa presença ainda é "proporcionalmente muito pequena", mas segue dinâmica cada vez mais forte nas políticas públicas do Brasil e na agenda internacional.

Países sul-americanos como Chile e Colômbia já tiveram chanceleres mulheres, assim como Estados Unidos, Paraguai e Equador atualmente. "Espero que a tendência de valorização da participação da mulher na carreira nos leve em pouco tempo a uma situação em que não mais chame atenção o fato de cargos importantes na diplomacia serem ocupados por mulheres", observa a embaixadora, que evita comentar seu próprio futuro.

Disponível em: <http://www.mre.gov.br>. Acesso em 25 abr. 2007